

CARTOGRAFIAS GEO-LITERÁRIAS: PAISAGEM E MEMÓRIA NA OBRA “OS IGARAÚNAS”

Kirk Patrick da Cruz Vulcão ¹
Rosane Balsan ²

RESUMO

O trabalho possibilita a construção de uma Cartografia Geo-Literária com ênfase na paisagem e memória a partir do romance “Os Igarauínas” de Raimundo de Moraes. A obra escrita no ano de 1938, possui elementos característicos da História, Geografia e Literatura através de uma ficção literária e fio narrativo em que é retratada a Amazônia Brasileira, no estado do Pará na temporalidade do primeiro quarto do século XX. Tem enquanto localização geográfica um sítio nas proximidades de Cametá – PA, no rio Tocantins. Aborda costumes, práticas, saberes e valores dos sujeitos da região do baixo e médio Tocantins. Apresenta elementos da Geografia Física e Cultural, religiosidades, aspectos políticos e econômicos. Enaltece elementos que tratam da oniricidade paisagística; da economia que perpassa pelos modos de viver na utilização da caça, pesca, coleta, plantio e demais práticas venatórias, bem como do aproveitamento de elementos naturais na confecção de instrumentos, cestarias e ferramentas. Apresenta transformações decorrentes das viagens de embarcações, ressaltando a força humana, a natureza (marés) e o uso de combustíveis (lenha e gasolina). Evidencia a circulação de pessoas (seja para práticas comerciais, quanto para expedições científicas). Abarca elementos da cosmogonia amazônica e suas encantarias (boto, iara e demais seres). A dialogicidade entre os saberes empíricos e científicos é notada pela oralidade dos personagens e localizações sociais ao longo do texto (Anastácio, João Cabeludo, Merandolina, Nhá Andreza, Viturina e outros) bem como na presença de Emília Snethlage (naturalista alemã, ornitóloga e diretora do Museu Emílio Goeldi em Belém – PA).

Palavras-chave: Cartografia; Geografia; História; Literatura.

ABSTRACT

The work enables the construction of a Geo-Literary Cartography with an emphasis on landscape and memory based on the novel “Os Igarauínas” by Raimundo de Moraes. The work written in 1938, has characteristic elements of History, Geography and Literature through a literary fiction and narrative thread in which the Brazilian Amazon is portrayed, in the state of Pará in the temporality of the first quarter of the twentieth century. It has a geographical location near Cametá - PA, on the Tocantins River. It addresses customs, practices, knowledge and values of subjects from the lower and middle Tocantins region. It presents elements of Physical and Cultural Geography, religiosities, political and economic aspects. Elevates elements that deal with landscape dreaminess; of the economy that permeates the ways of living in the use of hunting, fishing, gathering, planting and other hunting practices, as well as the use of natural elements in the manufacture of instruments, basketry and tools. It presents transformations resulting from boat trips, emphasizing human strength, nature (tides) and the use of fuels (firewood and gasoline). It shows the circulation of people (whether for commercial practices or for scientific expeditions). It includes elements of the Amazonian cosmogony and its enchantments (boto, iara and other beings). The dialogicity between empirical and scientific knowledge is noted by the orality of the characters and social locations throughout the text (Anastácio, João Cabeludo, Merandolina, Nhá

¹ Mestre em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, kp_vulcao@hotmail.com;

² Pós – Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, rosanebalsan@mail.uft.edu.br

Andrezza Vitorina and others) as well as in the presence of Emília Snethlage (German naturalist, ornithologist and director from the Emílio Goeldi Museum in Belém – PA).

Keywords: Cartography; Geography; History; Literature.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, se nutre de uma busca: descobrir o que cabe no paneiro e no pairé da imaginação. A escolha da obra literária *Os Igarauínas* é decorrente do desafio intelectual em percorrer os sentidos do texto pelos olhares geográficos, históricos e literários. Raimundo de Moraes não é considerado autor canônico pelos círculos literários e pelo mundo acadêmico. Sua representação amazônica foi registrada em mais de uma dezena de obras, que datam do início dos anos 1920 até a década de 1940. Uma significativa gama de escritos que tornam interessante e singular a leitura e a tentativa de compreensão. Cândido (2010), ao pesquisar sobre a poesia popular, analisou as relações entre literatura e sociedade, observou superposição de extratos em sua diversidade, amostragem representativa e validade da reconstituição (por meio de documentos e oralidade).

Esta narrativa geo-literária dialoga com Geografia, História, Literatura e Memórias de comunidades que viveram no rio Tocantins por meio da integração de diversas linguagens (a exemplo da escrita e da oral). Essas comunidades integraram a cultura da região tocantina por meio de seus deslocamentos e fixações. Dessa forma, ficção histórica, cartografia literária e narrativa geográfica são evidenciadas pela história ficcional de um coronel da região norte do Brasil, chefe político local que é envolvido em um universo cultural circunscrito na região do baixo e médio rio Tocantins.

Não há narrativas "ingênuas". Elas trazem em seus interstícios a (re)produção de hegemonias, bem como rupturas e suas correlações acerca do imaginado e do real. A narrativa literária emerge enquanto situação problematizadora e suscita questões fomentadoras de dialogicidade entre Geografia, História e Literatura sob a ótica da espacialidade. É uma pluralidade que assemelha e opõe verdade e ficção de formas sutis, imaginação e falas autorizadas. Nota-se, a partir de Larrosa (2016), que o engendramento e a legitimação das relações de saber resultam na oposição à narrativa una. Assim, há um convite na experientiação do fato, este, desprovido da previsibilidade.

E, na dialogicidade entre homem, tempo e natureza, manifesta nas práticas e vivências sob a forma material que resultam em conhecimento intergeracional alicerçado por forte empiria e transmissão oral, encontra-se o interlúdio para com o rio Tocantins. E nesse rio, a

busca por uma interpretação da sociedade parte da realidade geográfica vivenciada, acrescentando-se exame de processos que culminam na elaboração de valores culturais. Estes perpassam pela dialogicidade do homem com a biosfera. A geografia torna-se dinâmica e reflete nos caminhos que andam os homens. Não há fixação, mas fluidez. O tempo cronológico cede espaço ao tempo hidrológico e manifestações cíclicas da natureza sob forma de seca e/ou inverno, bem como de suas intercorrências.

METODOLOGIA

A relação geo-literária oferece nortes de pesquisa e possibilidades de leituras geográficas do mundo a partir da aproximação de suas linguagens e promoção do diálogo entre suas formas de conhecimento. A literatura dispõe da capacidade de criação de mundos a partir das representações elaboradas, das influências manifestas na realidade e da criação de novas realidades (imaginárias, ficcionais ou verossimilhantes). Fernandes (2017, p. 40) evidencia “a capacidade da literatura de propor uma aproximação entre a arte e ciência, objetividade e subjetividade, razão e sensibilidade, entre a racionalização da realidade e a sua percepção sensorial”.

A busca de uma geografia humana que dialogue com a literatura, implica não se olvidar o humano em detrimento ao material. A intensificação da intertextualidade aproxima o universo temático encontrado no romance e gera tensionamentos nas fronteiras das ciências sociais (geografia e história) na medida em que propõe diálogo com a arte (literatura). O resgate de um autor resulta no embate de questões referentes à condição humana e social explicitadas a partir do seu tempo histórico, mas que reverberam ao longo do tempo. É um universo em comunicação por meio das interações sociais de negociações, ações e ressignificações por parte dos sujeitos, interesses, das afinidades e diversidades.

Os locais de fala e de escrita de Raimundo de Moraes perpassam pela sua história e condições sociais vividas. Indicam-se algumas ressonâncias de sua história pessoal em sua produção literária. As relações entre a escrita, linguagem e classes sociais podem ser pensadas no âmbito da geografia enquanto ciência. A geografia pode repensar suas formas de elaboração de discurso crítico em relação à sociedade e aos indivíduos que deseja mobilizar.

Nesse sentido, emergem possibilidades de diálogo com a literatura e o quanto novas formas e conteúdos podem ser apresentados para a constituição de um discurso geográfico mais

próximo às pessoas. Reconhece-se o potencial geográfico da literatura e sua possibilidade de contribuição ao discurso científico. A fim de alcançar a representação e o olhar da geografia em um contexto de espaço fluido, faz-se necessária a reinvenção da linguagem cartográfica para representar a realidade geográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há o reolhar do viés estruturante de categorias. É o caso do lugar. O lugar é nexos estrutural do espaço. Para SANTOS (1996), combina horizontalidade e verticalidade dentro da rede das relações globais, tensionando os homens dos espaços rápidos e os homens dos espaços lentos, contrastando pelo estado respectivo da consciência de mundo. E há o lugar de TUAN (s/d), manifesto pelos espaços vividos e relações de pertencimento, lugar e espaço

Pensar acerca da região enquanto rede e lugar implicam na percepção de uma nova realidade e um novo olhar geográfico sobre o mundo. Na realidade e nas formas geográficas da sociedade na história “a região é então a forma matricial da organização do espaço terrestre e cuja característica básica é a demarcação territorial de limites rigorosamente precisos”. (MOREIRA, 2014, posição 2789)

A fim de alcançar a representação e o olhar da geografia num contexto de espaço fluido, faz-se necessário a reinvenção da linguagem cartográfica para representar a realidade geográfica. Uma possibilidade, perpassa pelo reencontro de linguagens.

os parâmetros de uma cartografia geográfica já estão postos: estão presentes na linguagem semiológica das novas paisagens. Mapear o mundo é antes de tudo adequar o mapa à essência ontológica do espaço. Representar sua tensão interna. Revelar os sentidos da coabitação do diverso. Falar espacialmente da sociedade a partir da sua tensão dialética. Mas tudo é impossível, repita - se, sem uma semiologia da imagem. (MOREIRA, 2014, posição 3112)

A narrativa ficcional envolve as relações texto-contexto e o processo histórico social. Ela tem uma capacidade de alteração do estado de seu ouvinte. A atividade do narrador consiste em levantar as marcas da experiência humana, encarando-as não como se fossem isoladas uma das outras, mas procurando estabelecer vínculos de continuidade temporal de causa e efeito. São vínculos entre os movimentos da experiência humana permitiriam estabelecer um sentido para a experiência. Pensa-se, a partir da compreensão do passado, possíveis desdobramentos da experiência humana.

Para que a experiência tenha sentido, é preciso que ela ganhe narratividade, os episódios possam ser examinados dentro de uma perspectiva que envolva vínculos de causalidades e

continuada entre eles. A função da narrativa em suma é dar suporte para pensar e operar com os episódios da experiência, dar referenciais ordenadores àquilo que é vivido como desordenado e sem sentido claro.

Os signos verbais presentes na obra literária, na dialogicidade de sua criação e do eu criador, possuem elementos que se vinculam ao processo cultural; seja por elementos de identificação da realidade (verossimilhança), a proximidade com o discurso comum (não isento de rebuscamentos). “A literatura, cria significantes e funda significados. O texto literário é multissignificativo”. (Filho, 2004, 38). A pluralidade de significados associa-se ao sociocultural, e passa pela inventividade da criação artística. Assim, sua estrutura não se encontra encerrada, ressaltando ambiguidades que possibilitam atualizações e releituras. Suscita interpretação do presente e restauração emocional pretérita.

A atmosfera social do discurso, no qual ele está inscrito, oferece múltiplas imagens da realidade. A unidade temporal tem sua conjuntura socioideológica e semântica, vocabulário, unidades de valor. Assim, a linguagem é pluridiscursiva. “As áreas dos personagens são o objeto mais interessante para análises estilísticas e linguísticas; nelas podem ser encontradas construções que lançam uma luz completamente nova sobre questões de sintaxe e de estilística”. (BAKHTIN, 2014, p. 124)

O plurilinguismo manifesto no romance, permite uma dupla locução. Representa a intenção direta do personagem e as implicitudes do autor. Há uma duplicidade de vozes, sentidos, expressões. Diversas visões de mundo e diversas linguagens. A prosa literária evidencia elementos concretos, relatividades históricas e sociais da palavra na participação, transformação e lutas. Há entonações e acentos a serem percebidos no âmbito de sua dinamicidade interpretativa.

As pessoas, tendem a considerar o seu local natal enquanto o centro do mundo, diferenciando o espaço ao seu redor. A mensuração de distâncias tem por base a experiência e a ideia de esforço. Nesse sentido, o conceito de área envolve uma abstração maior em relação ao comprimento e ao volume e há uma reflexão importante: “a distância social pode ser o inverso da distância geográfica” (TUAN, 2015, p. 56)

A constituição do espaço é uma extrapolação limitadora de um ponto de vista ou de um sentimento. Ela abarca condições de vida, apreciação cultural e transforma-se em conhecimento quando são percebidos movimentos e mudanças locais. Afetivamente, a familiaridade converte o espaço em lugar. A dialogicidade da interpretação cartográfica converge na habilidade do cartógrafo em representar o simbólico e ao observador, simbolizar a

representação; a leitura e o conhecimento entrelaçam-se nas intersecções de pontos e linhas de múltiplas realidades.

Que elementos da cultura, da sociedade e do ambiente físico afetam as habilidades espaciais e o conhecimento das pessoas? Que condições encorajam as pessoas a experienciar seu meio ambiente e ter consciência dele ao ponto de procurarem captar sua essência em palavras e mapas? (TUAN, 2015, p.86)

A visão da paisagem em perspectiva decorre da reordenação temporal e espacial. A orientação para o homem tornou subjetivos espaço e tempo, estruturando-os a partir de sentimentos e necessidades. Exemplifica-se tal propositura na observação do horizonte enquanto imagem futurista e pretérita. A movimentação mental no espaço, implica avanços e retrocessos temporais manifestos em ilusões. Materialmente expressos, a paisagem natural evoca um passado mais distante que qualquer artefato humano e buscar a fonte do rio (simbolicamente) é buscar a origem da própria vida. “O espaço tem significado temporal nas reflexões do poeta, na mística da exploração e no drama da migração. O espaço também tem significado temporal ao nível das experiências pessoais do dia a dia”. (TUAN, 2015, p. 137)

O espaço e o tempo, são norteados pelo pensamento e atividade. Por sua vez, o tempo histórico e o espaço orientado derivam da experiência. A intencionalidade de ir, suscita um tempo histórico e o lugar converte-se em objetivo no tempo futuro. Isso gera uma estrutura espaço-temporal individual e inconsciente, oriunda de um constructo intelectual das experiências e necessidades. Nas vivências íntimas com o lugar, o espaço é transformado pela definição e significado, perceptível na categorização da distância no interim de objetivo ou lugar. A mobilidade decorre das experiências diretas e íntimas, englobando a apreensão simbólica e conceitual.

Referente à visibilidade e a criação de lugar, este possui diversas definições. A cultura influencia as percepções, implicando na humanização das paisagens e há lugares queridos e (in)visíveis a nós e aos outros. A relação de tempo e lugar envolve diferentes abordagens, a partir da significância organizacional e a evocação de sentimentos.

Que tipos de lugares íntimos podem ser planejados e quais não podem – pelo menos, não mais do que podemos planejar para encontros humanos mais íntimos? São o espaço e o lugar os equivalentes ambientais da necessidade humana de aventura e segurança, de amplidão e definição? Quanto demora para desenvolver uma afeição duradoura pelo lugar? O sentido de lugar é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente, e sentir-se estranho, que está associado a uma consciência exagerada – e exagerada porque é somente ou em grande parte mental? Como promovemos a visibilidade de comunidades tradicionais às quais faltam símbolos visuais proeminentes? O que se ganha e o que se perde com tal promoção? (TUAN, 2015, p.218)

A fim de alcançar uma Geografia dos espaços vividos, deve-se resgatar a dialética triádica entre o presente, o passado e o futuro, não de forma linear, mas interações retrospectivas e prospectivas em que se façam presentes as sucessões e coexistências. Nesse sentido, há um ganho cognitivo das representações sociais e espaciais, por meio da (re)elaboração de conhecimento a fim de interagir com a complexidade estrutural da sociedade em (re)produzir o espaço. Nota-se que os lugares são registrados a partir de elementos sociais e históricos presentes nos lugares de atuação.

A construção de uma abordagem cultural geográfica perpassa por uma aproximação das dimensões política, econômica e social. O privilégio de uma única dimensão pode acarretar que “[...] é justamente quando o vivido é substituído pelo concebido que a representação se torna ideologia.” (SERPA, 2021, p. 98). Por fim, o corpo demonstra a concretude do vivido e do viver, externando por meio do sensorial, dor e prazer, lágrima e riso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão do espaço enquanto existência do homem o inclui enquanto elemento chave de sua ontologia e o permite ir além do que estar, ver e pensar o espaço como seu modo de ser. O entrecruzamento de várias modalidades de fontes possibilita alcançar a maior amplitude possível das dimensões das relações sociais estudadas e observadas no contexto histórico-social e o diálogo com o pensamento crítico. A cristalização de uma obra se torna metáfora do que deve vir a ser, relacionando os aspectos de análise com o novo contexto social, político e cultural.

A interpretação literária resulta em acréscimo significativo ao objeto interpretado, em que a adição se torna parte elementar da coisa apresentada. A gradação de força decorre da correlação do elemento proposto em face da aderência do texto em questão. Os signos verbais presentes na obra literária, na dialogicidade de sua criação e do eu criador, possuem elementos que se vinculam ao processo cultural. “A literatura, cria significantes e funda significados. O texto literário é multissignificativo” (FILHO, 2004, p. 38).

A pluralidade de significados associa-se ao sociocultural e passa pela inventividade da criação artística. Sua estrutura não se encontra encerrada, ressaltando ambiguidades que possibilitam atualizações e releituras. Suscita interpretação do presente e restauração emocional pretérita. A ação literária é uma forma de revelação da sociedade, pois apresenta e

permite determinar as características de estilo de uma época sob forma de unidades periódicas.

As expressões metafóricas manifestas na obra artística têm característica de ornamentação, enaltecimento, transformação, justificativa, dentre outras. Sua referência à realidade tem viés de orientação valorativa na materialidade, mas há elementos de beleza livre e abstrata.

O plurilinguismo manifesto no romance permite uma dupla locução. Representa intenção direta do personagem e implicitudes do autor. Há multiplicidade de vozes, sentidos, expressões, diversas visões de mundo e diversas linguagens. A prosa literária evidencia elementos concretos, relatividades históricas e sociais da palavra na participação, transformação e nas lutas, “a linguagem do romance é construída sobre uma interação dialógica ininterrupta com as linguagens que a circundam” (BAKHTIN, 2014, p. 91). Ela ajuda a enxergar e a construir representações (imagens) das linguagens sociais. Dessa forma, a originalidade da linguagem será manifesta ao correlacioná-la em línguas integradas na contrariedade do devir social.

Deparar-se e interagir com a paisagem aparece como a verificação/subversão de uma expectativa da percepção, categoria de pensamento ou hábito de escrita. Se originalmente a paisagem se volta a uma restrição do mundo visível, ela perpassa por outras manifestações sensoriais. A pertença expande-se para a contemplação em uma eterna dualidade entre o infinito e finito. Assim, pontos espaciais, margens, centros, longe e perto convergem na (in)finitude paisagística; uma aparência sensível e cósmica, (re)condutora e vinculante no viés estético, espiritual e filosófico.

Para BESSE, no âmbito da paisagem e o problema da vontade emite a seguinte posição

[...] sob a aparência da distância intransponível, de um intervalo que, tanto no plano geográfico quanto no temporal, não pode ser preenchido, mas somente percorrido pelo olhar e pela reflexão da consciência. A separação é vivida nos dois planos: o topográfico, do aqui e do ali, e o cronológico, do presente e do passado. (2014, p.6)

e dá prosseguimento ao referir a curiosidade enquanto incessante busca da novidade, sem que se satisfaça, resultando em instabilidade e impossibilidade de quietude. Requer atenção aos sinais do mundo, implícitos e explícitos nas rochas, ventos, águas, possibilitando a leitura da paisagem.

A imagem humana é múltipla e composta. Estão inscritas e escritas no núcleo, invólucro, interior e exterior. A unidade de lugar cria e marca temporalidades correlatas. A atenuação temporal em face da ação do lugar produz o sentido de ritmo cíclico. Esse aspecto torna-se nítido ao separar-se da progressão histórica, no qual as mudanças caracterizam em refazer a vida sobre um único lugar e tempo.

A literatura se vale do recurso metafórico da relação espelho-espaço pelo refletir e relacionar personagens e lugares. Calca-se na identidade territorial e converge na imposição de valores e atributos aos elementos físicos e humanos da obra. Tal efeito decorre da descrição e manifestação imagética, um somatório de figuras valorizadas e de sentidos impostos com a intencionalidade da universalidade e da equivalência. A fim de superar tal homogeneidade, “[...] qualquer espaço tem uma dinâmica complexa e que sua compreensão não se esgota na funcionalidade trazida por um único aspecto. Não parece razoável conceber que um espaço esteja estruturado segundo apenas um elemento (GOMES, 2013, p. 307-308).

Captar histórias e memórias por meio da análise da produção literária, é navegar em águas de “reconstrução” das viagens de memorialistas, literatos e escritores, percebendo reelaborações das memórias e das experiências dos sujeitos e das pessoas que tiveram contato, as transformações de seus modos de viver e práticas, as transformações da região, das gentes, da cultura.

(Re)visitam-se, lugares de memórias, práticas, costumes e valores. Há uma miríade de sujeitos a serem recolocados na cena histórica, emergem possibilidades de interpretação das manifestações culturais tanto no que se refere a elementos comuns e unificadores de uma quanto no que tange as especificidades culturais de cada grupo.

Para Collot (2013), a literatura e, em seu território, a poesia são campos propícios para pensar a experiência da paisagem que se inscreve, no sensível da linguagem, pois a paisagem provoca o pensar, e o pensar se desdobra como paisagem.

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade. A paisagem não é apenas um procedimento social, econômico e político, mas que nela podem ser investidos significações e valores tanto coletivos como individuais, todo um imaginário ao qual a ficção e a poesia podem dar sua plena expressão. (COLLOT, 2013, p.19)

Ao evocar o diálogo a partir do pensamento-paisagem, demonstra que ela é uma percepção espacial de um olhar, uma extensão locacional aparente ao observador. A noção de paisagem abarca três componentes em uma complexa tessitura: um local, um olhar e uma imagem. Por conseguinte, o encontro entre o mundo e um ponto de vista implica na paisagem como fenômeno, pois transcende a representação e uma mera presença.

Na relação paisagem e literatura, a paisagem não é a região, mas um modo de observá-la em um contexto organizado perceptivo e/ou estético móvel que confere acesso à realidade. A compreensão/apreciação de uma “paisagem” artística ou literária, vai além dos aspectos físicos, mas os modos e maneiras de como é “abarcada” e expressa. O sentido de uma paisagem decorre de uma interação constante de circularidade entre o interno e o externo por uma percepção de ser-no-mundo e fenomenológica. Dessa forma, a “paisagem” de um escritor não se limita aos locais de vida, viagem ou trabalho.

Um ambiente pode se tornar uma paisagem, quando é percebido por um sujeito, e o sentido dela é construído por meio do entendimento das relações que a unem. A paisagem transcende o sentido da visão, é um conjunto sensório-corporal da dimensão subjetiva, percebido de múltiplas maneiras e experiências. Na relação paisagem e literatura, a paisagem não é a região, mas um modo de observá-la em um contexto organizado perceptivo e/ou estético móvel que confere acesso à realidade. A compreensão/apreciação de uma “paisagem” artística ou literária vai além dos aspectos físicos, mas os modos e as maneiras de como é “abarcada” e expressa. O sentido de uma paisagem decorre de uma interação constante de circularidade entre o interno e o externo por uma percepção de ser-no-mundo e fenomenológica. Dessa forma, a “paisagem” de um escritor não se limita aos locais de vida, viagem ou trabalho.

É multissignificativo o processo de reacentuação histórica da literatura. Cada época a faz, de acordo com suas concepções socioideológicas. Bakhtin traz um conceito muito válido para a análise, o cronotopo (a ser entendido enquanto categoria de tempo e espaço), que atravessa o indivíduo histórico real e que está presente na obra literária. “Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico”. (BAKHTIN, 2014, p. 211) Na literatura, sua manifestação provoca funções composicionais: nós, clímax ou desfecho.

O homem ao se transformar, se metamorfoseia independentemente do mundo; o mundo continua sem mudar. A metamorfose assume uma mudança particular, não é coletiva. Um personagem importante a ser protagonizado é a do servidor/criado. Ele é a representação de um

ponto de vista do mundo privado, que a literatura da época não pode evitar, muitas vezes funcionando como uma voz da consciência ou crítica de valores. No mesmo rol, também podem ser incluídos na cena literária prostitutas, alcoviteiras, aventureiros, parvos e outros. Assim, a imagem humana é múltipla e composta. Estão inscritos e escritos o núcleo, o invólucro, o interior e o exterior.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

COLLOT, Michel. *Poética e Filosofia da Paisagem*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

FERNANDES, Felipe Moura. *Tristes Fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão e litoral*. 2017. 347 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2017. Curso de Doutorado em Geografia.

FILHO, Domício Proença. *Estilos de época na literatura*. 15. Ed. São Paulo – SP. Editora Ática, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MORAIS, Raimundo de. *Os Igarauínas*. São Paulo: Roswita Kempf, 1985.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico? por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo-razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SERPA, Angelo. *Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 2021.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2015.